

Aula 36 – Oriente Médio (Parte 2): O Levante e o Norte da África

O Mosaico Inacabado: Entendendo o Jogo de Poder no Coração do Mundo

Imagine uma sala cheia de espelhos, onde cada reflexo distorce o outro, e potências globais tentam ajustar o foco para proteger seus interesses. Bem-vindo ao Levante e ao Norte da África. Esta não é uma região distante das notícias; é o epicentro de muitas das tensões que redesenham nosso mundo, desde o preço do combustível até as crises de refugiados que vemos nos noticiários. Entender este tabuleiro é crucial, não apenas para gabaritar uma prova, mas para se tornar um profissional capaz de ler as entrelinhas da política e da economia globais.

Nesta aula, nossa missão é transformar o caos aparente em compreensão clara. Ao final destes 90 minutos de leitura, você será capaz de explicar por que países como Síria e Iraque se tornaram palcos de conflitos indiretos, analisar a ascensão da Turquia como um ator indispensável na região e avaliar a estabilidade precária do Egito, o guardião de uma das artérias vitais do comércio mundial. Mergulharemos também na instabilidade crônica da Líbia e seus reflexos no Sahel, uma vastidão de areia que se tornou a nova fronteira do terrorismo e da disputa por recursos.

Partiremos do que já vimos sobre as bases históricas e as rivalidades no Oriente Médio, aprofundando agora o olhar sobre como a "Nova Desordem Global" – a rivalidade acirrada entre EUA, China e Rússia – se manifesta neste cenário. Exploraremos como a competição por energia, as guerras por informação e o protagonismo de novas potências regionais criam um mosaico complexo e em constante mudança. Prepare-se para uma viagem que conectará Damasco a Ancara, do Cairo a Trípoli, desvendando os fios que movem o poder.

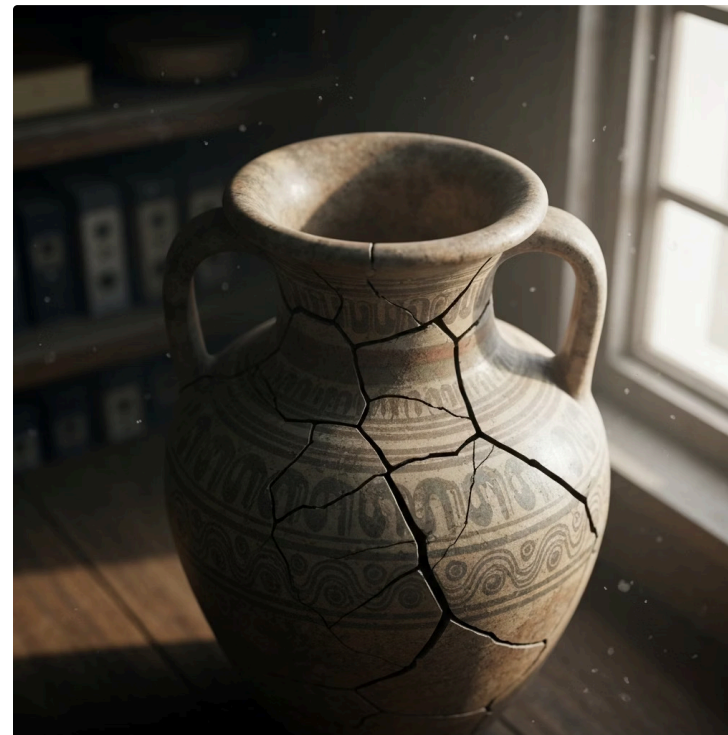
O Tabuleiro Rachado: Síria, Iraque e Líbano

Você já sentiu que, em uma discussão complexa no trabalho, as decisões mais importantes eram tomadas por pessoas que nem estavam na sala? Decisões que afetavam diretamente seu projeto, mas eram fruto de disputas entre diretores de departamentos diferentes. Essa sensação de ser uma peça em um jogo maior é a realidade diária de nações como Síria, Iraque e Líbano. Historicamente, esses países foram desenhados com fronteiras que muitas vezes ignoraram as complexas realidades étnicas e religiosas, criando Estados com uma fundação frágil, como um vaso de porcelana com fissuras invisíveis.

Essas fissuras internas, deixadas por legados coloniais e décadas de governos autoritários, tornaram esses Estados vulneráveis. Quando crises eclodiram, como a Primavera Árabe na Síria ou a invasão do Iraque em 2003, essas rachaduras se abriram violentamente. E em um mundo interconectado, um vácuo de poder nunca permanece vazio por muito tempo.

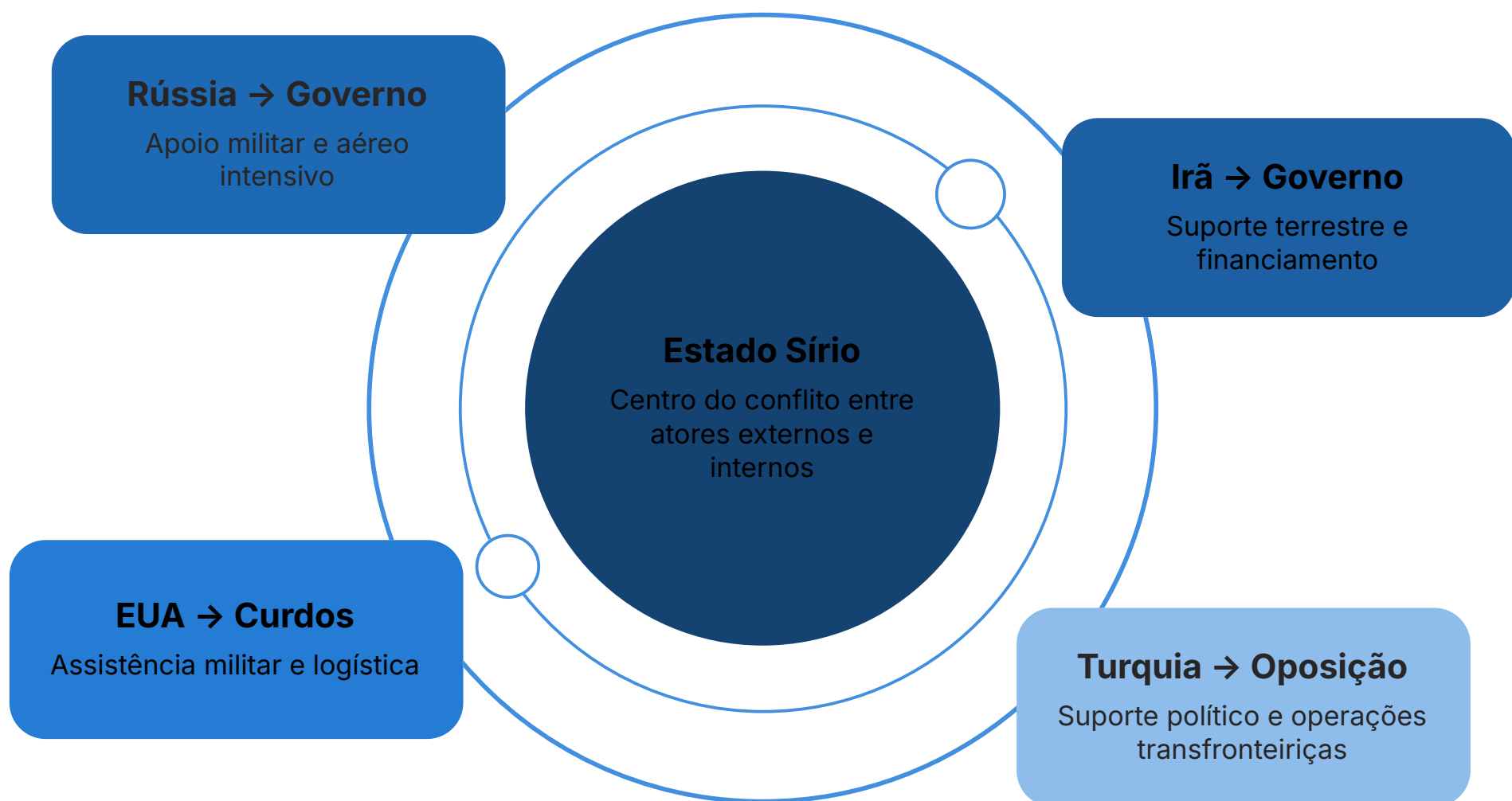
Potências regionais e globais viram nesses territórios a oportunidade perfeita para expandir sua influência sem se confrontarem diretamente, iniciando o que chamamos de **guerras por procuração** (ou *proxy wars*).

Pense nessas guerras como uma partida de xadrez disputada em múltiplos tabuleiros simultaneamente, onde os jogadores – como Irã, Arábia Saudita, Rússia, Estados Unidos e Turquia – não movem suas próprias rainhas e reis abertamente. Em vez disso, eles financiam, treinam e armam peões, bispos e torres locais: milícias, grupos rebeldes e até mesmo facções dentro do exército de um mesmo país. O objetivo não é necessariamente um xeque-mate claro, mas garantir o controle de peças e posições estratégicas no tabuleiro do vizinho.



As Mãos Invisíveis que Movem as Peças

A dinâmica das guerras por procuração se torna mais clara quando olhamos para exemplos concretos. Na Síria, o governo de Bashar al-Assad sobreviveu à guerra civil não apenas por sua força interna, mas principalmente pelo apoio massivo da Rússia (com intervenção aérea direta) e do Irã (com suporte financeiro e militar através de milícias como o Hezbollah). Do outro lado, uma miríade de grupos rebeldes era apoiada pela Turquia, Arábia Saudita, Catar e, em diferentes momentos e com diferentes intensidades, pelos Estados Unidos. O país se tornou um laboratório para a **guerra híbrida**, onde a desinformação e os ciberataques eram tão importantes quanto as batalhas no terreno.



Essa mesma lógica se aplica ao Iraque. Após a queda de Saddam Hussein, o país se viu no meio de um cabo de guerra entre a influência iraniana, que apoiava milícias xiitas e partidos políticos, e a presença americana, que tentava garantir um governo alinhado aos seus interesses e combater o ressurgimento de grupos como o Estado Islâmico. Para um cidadão iraquiano, isso significa viver em um país onde a lealdade de um político ou de uma força de segurança pode não ser ao Estado, mas a um patrono externo. É a personificação da fragilidade estatal, onde a soberania é mais uma aspiração do que uma realidade.

O Líbano, por sua vez, vive essa dinâmica há décadas. O Hezbollah, um ator político e militar mais poderoso que o próprio exército libanês, funciona como o principal instrumento da política externa do Irã na região. Isso coloca o pequeno país em uma posição de vulnerabilidade extrema, espremido entre as tensões de Irã e Israel, e sofrendo com uma crise econômica monumental que é agravada por essa paralisia política. Isso nos leva a uma reflexão crucial: quando um Estado perde o monopólio da força, ele ainda pode ser considerado um Estado plenamente funcional?

O Legado da Fragilidade e a Nova Desordem

Fragmentação Sistêmica

Como um software corrompido por múltiplos patches conflitantes, Estados frágeis se tornam instáveis e quase impossíveis de governar efetivamente.

Lealdades Divididas

A lealdade ao "programador" externo muitas vezes supera a lealdade à nação, criando elites dependentes de patronos internacionais.

Ciclo Vicioso

A ajuda externa impede a construção de instituições nacionais fortes, perpetuando a dependência e instabilidade.

A consequência mais duradoura desse cenário é a fragmentação. Pense em um aplicativo de software que, em vez de receber uma atualização oficial, tem vários programadores diferentes tentando instalar *patches* e *plugins* conflitantes ao mesmo tempo. O sistema se torna instável, inseguro e quase impossível de usar. Síria, Iraque e Líbano se tornaram esses sistemas operacionais corrompidos, onde a lealdade ao "programador" externo muitas vezes supera a lealdade à nação.

Essa realidade se conecta diretamente com a tendência da **Nova Desordem Global**. A relativa unipolaridade americana do pós-Guerra Fria deu lugar a um mundo multipolar caótico. A Rússia de Putin busca reaver seu status de grande potência, e o Oriente Médio é um de seus palcos preferidos para desafiar Washington. O Irã xiita e a Arábia Saudita sunita travam sua própria "guerra fria" pela hegemonia regional, e o Levante é seu campo de batalha central. Para o profissional que analisa riscos ou oportunidades de investimento, isso significa que a estabilidade de um país na região depende menos de sua economia interna e mais do equilíbrio de poder entre seus patronos externos.

A compreensão dessa teia de influências é fundamental. Não se trata de uma simples luta entre "bem" e "mal", mas de um complexo jogo de interesses onde a população civil é, infelizmente, a maior vítima. E enquanto alguns Estados se fragmentam, outros, na vizinhança, tentam usar esse caos para construir seu próprio poder. Isso nos leva diretamente à Turquia.

A Sombra do Império: A Ascensão da Turquia



Imagine uma grande empresa familiar que, após um período de dificuldades, decide resgatar a marca gloriosa de seus fundadores, adaptando-a para o mercado do século XXI. Ela não quer apenas repetir o passado, mas usar o prestígio daquele nome para lançar novos produtos e expandir sua presença global. Essa analogia nos ajuda a entender a política externa da Turquia sob a liderança de Recep Tayyip Erdoğan e o conceito de **neo-otomanismo**.

Não se trata de recriar o Império Otomano, mas de usar seu legado cultural, histórico e religioso para projetar poder e influência desde os Bálcãs até a Ásia Central, com um foco especial no Oriente Médio e no Norte da África.

Por décadas, a Turquia foi vista como um membro disciplinado da OTAN, uma ponte entre o Ocidente e o Oriente, com os olhos fixos na entrada para a União Europeia. Contudo, com a estagnação das negociações com a UE e o vácuo de poder deixado pelas crises na Síria e no Iraque, Ancara percebeu que seu destino poderia ser moldado por suas próprias mãos. O país iniciou uma política externa muito mais assertiva e independente, muitas vezes desafiando seus aliados tradicionais, como os Estados Unidos.



Era da Ponte

Membro disciplinado da OTAN, candidato à UE, mediador entre Ocidente e Oriente



Despertar Neo-Otomano

Política externa assertiva, uso do legado imperial, autonomia estratégica



Protagonismo Regional

Intervenções militares, diplomacia ativa, projeção de poder tecnológico

Essa nova postura se manifesta de várias formas. Na Síria, a Turquia interveio militarmente para criar uma zona de segurança em sua fronteira, combatendo tanto o Estado Islâmico quanto as milícias curdas que considera terroristas, mesmo que estas últimas fossem aliadas dos EUA. Na Líbia, o apoio militar turco foi decisivo para salvar o governo de Trípoli, reconhecido pela ONU, garantindo em troca acordos marítimos vantajosos no Mediterrâneo Oriental. Essa atitude proativa transformou a Turquia de um ator secundário em um protagonista indispensável para qualquer negociação de paz ou acordo de poder na região.

Entre a Diplomacia e os Drones

A assertividade turca não se baseia apenas em discursos. O país investiu pesadamente em uma indústria de defesa nacional, cujo produto mais famoso são os drones **Bayraktar TB2**. Pense nesses drones como o equivalente geopolítico de uma *startup* de tecnologia disruptiva. Eles são relativamente baratos, eficazes e mudaram as regras do jogo em conflitos na Síria, Líbia e, mais notoriamente, em Nagorno-Karabakh. Ao fornecer essa tecnologia a seus aliados, a Turquia ganha uma ferramenta de influência imensa, capacitando seus parceiros e criando uma dependência tecnológica.



Hard Power Tecnológico

Drones Bayraktar TB2 revolucionaram conflitos regionais, oferecendo capacidade militar avançada a custos acessíveis para aliados turcos.



Soft Power Cultural

Séries de TV turcas conquistam audiências globais, projetando valores e cultura turca desde os Bálcãs até a América Latina.



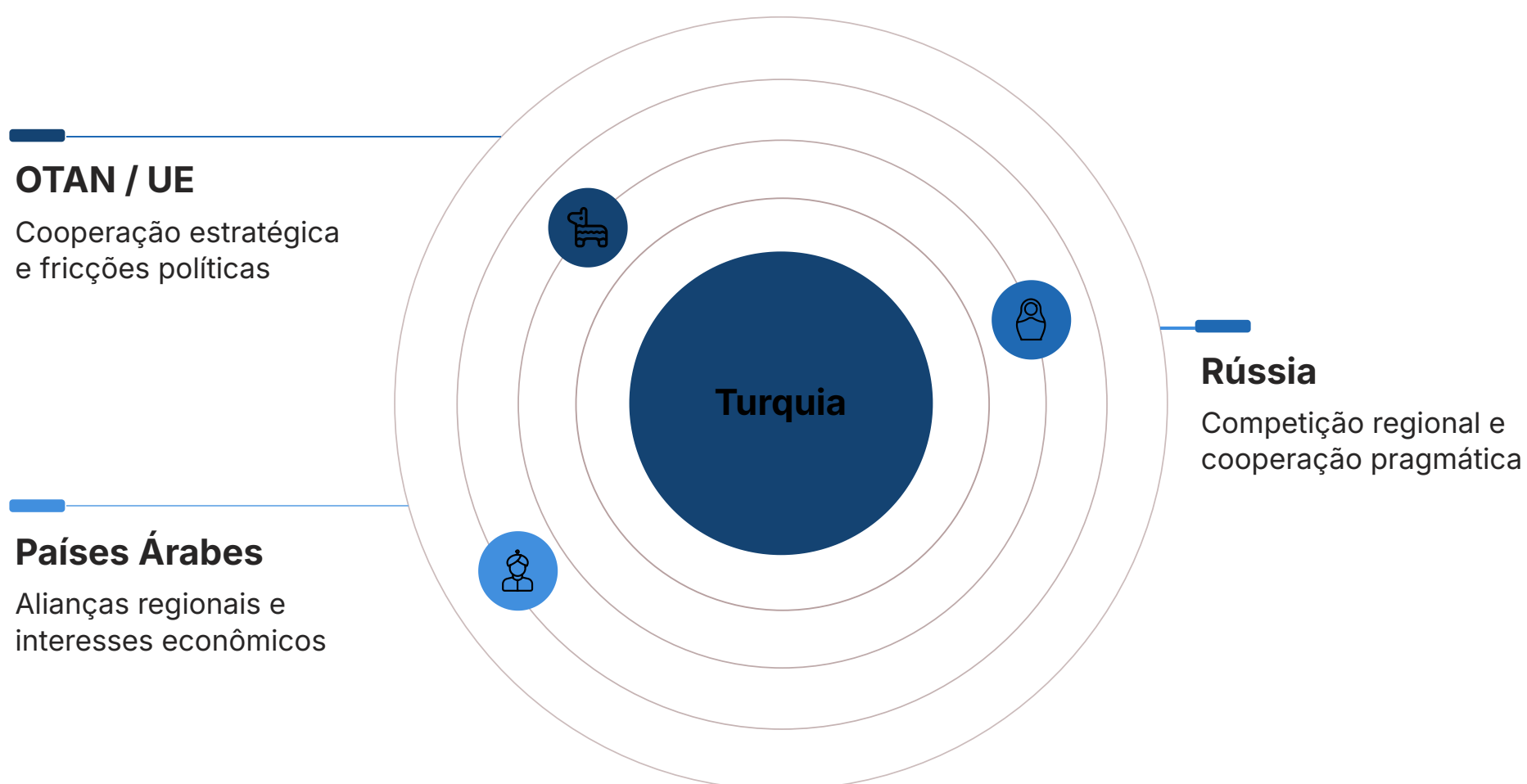
Diplomacia Ativa

Agência TIKA promove cooperação e desenvolvimento, construindo laços duradouros com países em desenvolvimento.

Essa combinação de poder militar (hard power) com influência cultural e diplomática (soft power), através de agências como a TIKA (Agência Turca de Cooperação e Coordenação) e a popularidade de séries de TV turcas, forma o núcleo da sua estratégia. No entanto, essa política externa assertiva não vem sem custos. A Turquia hoje se encontra em uma posição delicada, com relações tensas com vizinhos como a Grécia (pela exploração de gás no Mediterrâneo), com potências árabes como Egito e Arábia Saudita, e em um complexo jogo de cooperação e competição com a Rússia.

Para um analista de relações internacionais ou um gestor de cadeia de suprimentos, a Turquia de 2025 é um fator de incerteza e oportunidade. Suas ações podem tanto estabilizar uma região quanto acender um novo conflito. A decisão de Ancara de mediar a guerra na Ucrânia (garantindo o acordo de grãos) enquanto mantém laços com a Rússia e vende armas para Kiev exemplifica perfeitamente essa capacidade de jogar em múltiplos tabuleiros, um reflexo da complexa **geopolítica dos recursos críticos** e da fragmentação da ordem global.

O Dilema Turco: Potência ou Isolamento?



Toda estratégia ousada embute riscos. A política externa assertiva da Turquia, embora tenha elevado seu status regional, também a deixou em uma posição de relativo isolamento. A tentativa de liderar o mundo muçulmano sunita a colocou em rota de colisão com a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos. Sua postura no Mediterrâneo Oriental criou uma frente de oposição formada por Grécia, Chipre, Egito e Israel. E sua relação pragmática, mas desconfiada, com a Rússia, é uma dança constante sobre uma corda bamba.

⚠ Alerta Estratégico: A economia turca, com altas taxas de inflação e dependência de capital externo, é o "calcanhar de Aquiles" dessa política externa ambiciosa.

Essa complexidade nos força a pensar sobre a sustentabilidade dessa estratégia a longo prazo. É como um atleta que decide competir em várias modalidades ao mesmo tempo: o potencial de ganho é alto, mas o risco de exaustão e lesão é igualmente grande. A economia turca, com altas taxas de inflação e dependência de capital externo, é o "calcanhar de Aquiles" dessa política. Uma crise econômica severa poderia forçar Ancara a moderar suas ambições externas e buscar a reconciliação com antigos rivais, um movimento que já começou a ser ensaiado nos últimos anos.

Ao analisar a Turquia, é crucial ir além dos rótulos fáceis. Não é simplesmente um país "oriental" ou "ocidental", "aliado" ou "rival". É uma potência pivô, que se equilibra entre diferentes blocos de poder, buscando maximizar sua autonomia estratégica. Sua trajetória futura dependerá de sua capacidade de equilibrar suas ambições imperiais com suas realidades econômicas e de navegar as águas turbulentas de uma vizinhança cada vez mais competitiva. Agora, vamos mover nosso foco para o sul, para outra potência regional cuja estratégia é quase o oposto da turca: o Egito.

O Guardião do Nilo e a Estabilidade Autoritária

Se a Turquia é o ator dinâmico e disruptivo, o Egito se projeta como a âncora de estabilidade em uma região turbulenta. Imagine um grande navio cargueiro, pesado e lento, mas cuja presença constante garante a segurança de uma rota marítima vital. Essa é a imagem que o Egito, sob o governo do presidente Abdel Fattah el-Sisi, tenta projetar para o mundo. Após a breve e caótica experiência democrática que se seguiu à Primavera Árabe, o país retornou a um modelo de **estabilidade autoritária**, onde as forças armadas são a espinha dorsal do Estado e da economia, e a ordem é mantida com mão de ferro.

Modelo Autoritário

Forças armadas controlam Estado e economia, priorizando ordem sobre liberdades democráticas

Estabilidade Regional

Mediação entre Israel e Hamas, oposição a atores desestabilizadores como Turquia e Irã

Parceiro Confiável

Cooperação no combate ao terrorismo, manutenção de acordos internacionais

Para as potências ocidentais e para os vizinhos do Golfo, essa estabilidade, mesmo que frágil e repressiva, é vista como um mal menor. A alternativa – um Egito mergulhado no caos, com 110 milhões de habitantes e controlando o Canal de Suez – é um cenário apocalíptico para a economia global. A prioridade geopolítica de muitos atores internacionais é, portanto, garantir que o "navio" egípcio continue a flutuar, mesmo que isso signifique ignorar as graves violações de direitos humanos e a falta de liberdades democráticas.

Essa aposta na estabilidade se reflete na política externa egípcia. Cairo busca ser uma força de moderação, mediando conflitos entre Israel e o Hamas, e se opondo a atores que considera desestabilizadores, como a Turquia na Líbia e o Irã. O Egito se posiciona como um pilar da ordem regional, um parceiro confiável no combate ao terrorismo e um contrapeso às ambições de outras potências. Mas essa estabilidade tem um preço alto, pago pela própria sociedade egípcia.

O Canal de Suez: A Artéria do Comércio Global

Para entender a importância estratégica do Egito, não precisamos olhar para seu poder militar ou sua influência cultural, mas para uma faixa de água de 193 quilômetros: o **Canal de Suez**. Pense no canal como a aorta do corpo da economia global. Cerca de 12% do comércio mundial e quase 30% do tráfego de contêineres passam por essa via todos os dias. Um bloqueio aqui, como o que vimos com o navio Ever Given em 2021, causa um "ataque cardíaco" instantâneo nas cadeias de suprimentos globais, atrasando a entrega de tudo, de eletrônicos a petróleo.

12%

Comércio Mundial

Percentual do comércio global que transita pelo Canal de Suez diariamente

30%

Tráfego de Contêineres

Proporção do transporte de contêineres mundial que utiliza esta rota estratégica

193

Quilômetros

Extensão total do canal que conecta Mediterrâneo e Mar Vermelho

Essa importância vital confere ao Egito uma alavancagem geopolítica imensa. A segurança do Canal de Suez é uma prioridade para a China (cuja "Rota da Seda" depende dele), para a Europa (que recebe grande parte de sua energia por ali) e para os Estados Unidos (cuja marinha precisa de passagem rápida entre o Mediterrâneo e o Índico). Isso explica por que o Egito é um dos maiores receptores de ajuda militar americana e por que os países do Golfo investem bilhões de dólares para sustentar sua economia. O canal é, literalmente, um recurso estratégico global localizado em território nacional.

No contexto da **fragmentação da globalização** (*slowbalisation*), onde as cadeias de suprimentos se tornam armas geopolíticas, a importância de pontos de estrangulamento (*chokepoints*) como Suez só aumenta. A segurança e a previsibilidade que o Egito oferece são ativos valiosos. No entanto, essa dependência externa também cria vulnerabilidades. Uma crise econômica severa ou uma revolta popular poderiam ameaçar a estabilidade e, por consequência, o fluxo do comércio mundial, mostrando como um problema local pode rapidamente se tornar uma crise transnacional.

Os Pilares de Areia da Estabilidade Egípcia

A estabilidade egípcia, no entanto, pode ser comparada a uma pirâmide construída sobre pilares de areia. Por baixo da superfície de ordem e controle, existem desafios estruturais profundos que ameaçam o futuro do país.



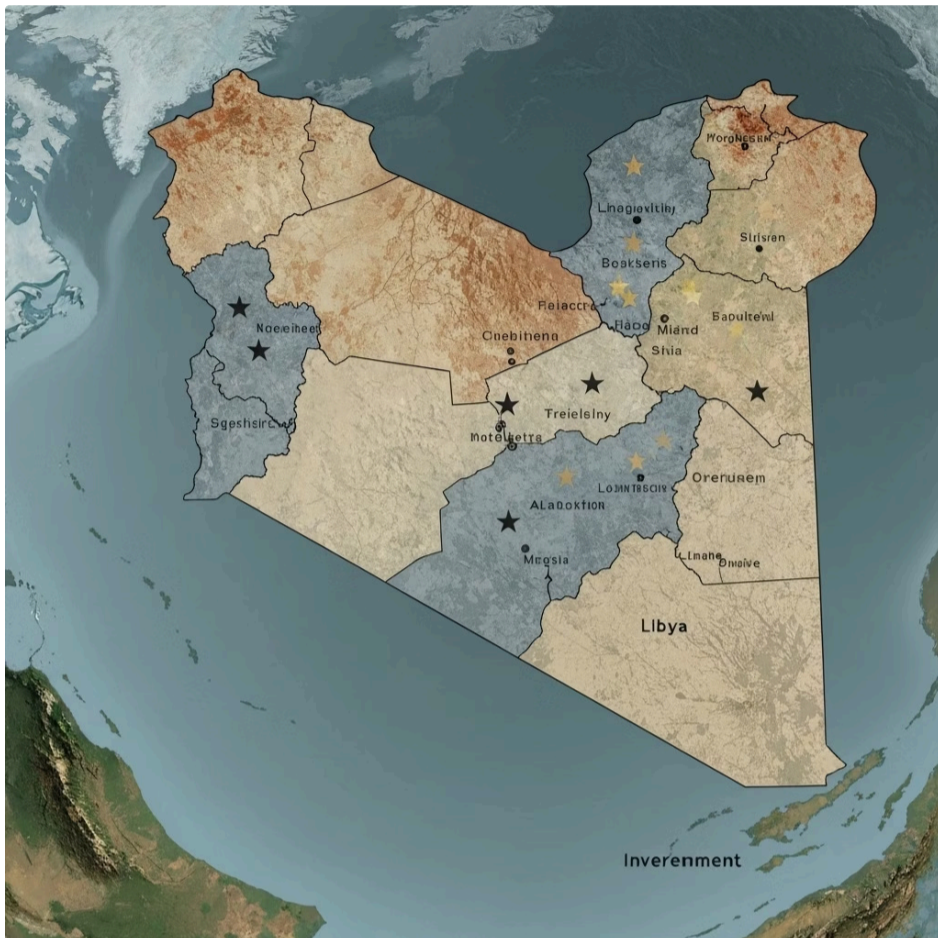
O primeiro pilar é a **economia**. O Estado é profundamente dependente de fontes de renda voláteis: turismo (vulnerável a instabilidade regional e pandemias), remessas de trabalhadores no exterior (dependentes da saúde econômica de outros países) e as receitas do Canal de Suez. A inflação galopante e a dívida externa crescente colocam uma pressão imensa sobre a população.

O segundo pilar é a **demografia**. O Egito precisa criar centenas de milhares de empregos todos os anos apenas para absorver os jovens que entram no mercado de trabalho. A falta de oportunidades para uma população jovem e educada foi um dos estopins da revolução de 2011, e essa panela de pressão continua a cozinhar em fogo baixo. O governo tenta aliviar a pressão com megaprojetos, como a construção de uma nova capital administrativa, mas a eficácia dessas medidas para gerar empregos sustentáveis é questionável.

Finalmente, há a questão da **água**. O Egito depende quase que inteiramente das águas do Rio Nilo, e a construção da Grande Represa do Renascimento Etíope (GERD) rio acima representa uma ameaça existencial à sua segurança hídrica e alimentar. Essa disputa pela **geopolítica dos recursos críticos**, especificamente a água, é talvez o maior desafio de política externa do Egito para a próxima década e tem o potencial de se tornar um conflito aberto. Esses três desafios – economia, demografia e água – mostram que a estabilidade mantida pela força pode ser, na verdade, uma calma antes de uma tempestade.

A Transição para o Caos: A Líbia e o Sahel

Se o Egito representa uma tentativa, ainda que autoritária, de impor ordem, a Líbia é o exemplo trágico de sua completa desintegração. Imagine que um CEO que controlava todos os departamentos de uma empresa com mão de ferro é removido abruptamente. O resultado não é a liberdade imediata, mas uma luta de poder caótica entre os ex-diretores, cada um tentando tomar o controle para si, com o apoio de investidores externos. Essa é a história da Líbia após a queda de Muammar Gaddafi em 2011.



A intervenção da OTAN, que ajudou a derrubar o ditador, não foi seguida por um plano de estabilização. O resultado foi um vácuo de poder que fragmentou o país em um mosaico de milícias, governos rivais (um em Trípoli, no oeste, e outro em Tobruk, no leste), senhores da guerra e grupos extremistas.

Cada facção buscou seus próprios patronos internacionais, transformando a Líbia no exemplo mais puro de uma guerra por procuração. Turquia e Catar apoiaram o governo de Trípoli, enquanto Egito, Emirados Árabes Unidos, Rússia e França apoiaram as forças do leste, lideradas pelo General Khalifa Haftar.

Governo de Trípoli (Oeste)

Apoiadores: Turquia, Catar

Estratégia: Reconhecimento internacional, acordos marítimos

Forças de Haftar (Leste)

Apoiadores: Egito, EAU, Rússia, França

Estratégia: Controle de campos petrolíferos, ordem militar

O que estava em jogo? O controle sobre as vastas reservas de petróleo da Líbia, a maior da África, e a influência geopolítica no Mediterrâneo. A Rússia, por meio do Grupo Wagner (agora rebatizado como "Africa Corps"), usou a Líbia como uma porta de entrada para projetar poder no continente africano, aplicando táticas de **guerra híbrida** que combinam mercenários, desinformação e exploração de recursos. A instabilidade líbia não ficou contida em suas fronteiras; ela transbordou, como um reservatório que se rompe, para a vasta região ao sul: o Sahel.

O Efeito Dominó: Do Deserto da Líbia às Savanas do Sahel

A região do Sahel – um cinturão semiárido que se estende do Senegal ao Sudão, abrangendo países como Mali, Níger e Burkina Faso – funciona como a margem de um oceano. As ondas de instabilidade geradas na Líbia chegam a essa margem com força devastadora. Pense no colapso do Estado líbio como a remoção de uma barragem. Armas que pertenciam ao arsenal de Gaddafi inundaram a região, caindo nas mãos de grupos jihadistas afiliados à Al-Qaeda e ao Estado Islâmico, além de milícias étnicas e bandidos.

Esses grupos exploraram as fragilidades já existentes no Sahel: governos fracos, pobreza extrema, disputas por terra e água exacerbadas pelas **mudanças climáticas**, e tensões étnicas. O resultado foi uma tempestade perfeita de violência que desestabilizou países inteiros. Mali, Burkina Faso e Níger sofreram uma série de golpes de estado nos últimos anos, com juntas militares tomando o poder e expulsando as tropas francesas e europeias que tentavam conter a insurgência.



Esse vácuo deixado pela França foi rapidamente preenchido pela Rússia, que oferece "serviços de segurança" por meio de seus mercenários em troca de acesso a **minerais estratégicos** (como urânio e ouro) e influência política. Estamos testemunhando uma reconfiguração geopolítica em tempo real, onde a rivalidade entre as grandes potências se manifesta na luta pelo controle de uma das regiões mais pobres e instáveis do mundo. Para a Europa, a instabilidade no Sahel não é um problema distante; ela tem implicações diretas na segurança e nas rotas de migração que cruzam o Mediterrâneo.

Crises Transnacionais em um Espaço sem Governo

O Sahel se tornou um laboratório para as **crises transnacionais** do século XXI. É uma região onde a falência do Estado, o terrorismo, as mudanças climáticas, a competição por recursos e a rivalidade entre grandes potências se encontram e se retroalimentam. A ausência de controle estatal em vastas áreas do Mali ou Burkina Faso cria "buracos negros" de governança, onde grupos armados impõem sua própria lei, controlam economias ilícitas (tráfico de drogas, armas e pessoas) e oferecem uma alternativa brutal à ausência do Estado.

Falência Estatal
Governos fracos incapazes de controlar território

Rivalidade Global
Competição entre potências por influência e recursos



Mudanças Climáticas

Secas e desertificação intensificam conflitos por recursos

Proliferação de Armas

Arsenal líbio alimenta grupos armados regionais

Extremismo

Grupos jihadistas exploram vácuos de poder

Para um jovem sem perspectivas em uma vila do Sahel, juntar-se a um grupo armado pode não ser uma escolha ideológica, mas a única opção de sobrevivência ou de obter algum status social. Isso torna o problema incrivelmente difícil de ser resolvido apenas com força militar. As soluções exigem uma abordagem que combine segurança com desenvolvimento, governança e adaptação climática – algo que a comunidade internacional tem tido muita dificuldade em implementar.

A situação na Líbia e no Sahel exemplifica a nova face dos conflitos. Eles não são mais apenas guerras entre Estados-nação, mas confrontos multifacetados, com uma miríade de atores estatais e não estatais, onde a desinformação online é tão importante quanto o controle do território. Entender essa complexidade é vital para compreender os desafios de segurança que o mundo enfrentará nas próximas décadas, muitos dos quais se originam nas fronteiras porosas do deserto do Saara. A seguir, vamos comparar os diferentes modelos de poder que analisamos.

Estilos de Poder na Região: Uma Comparação

Ao longo desta aula, vimos diferentes abordagens para exercer poder e influência no Levante e no Norte da África. Desde Estados que se tornaram meros tabuleiros para jogos alheios, até potências regionais com estratégias bem definidas, cada ator desempenha um papel único neste teatro geopolítico. Pense nisso como diferentes estilos de liderança dentro de uma grande corporação.



Gerente Terceirizado

Estados frágeis como Síria e Líbano, onde a agenda é definida por "clientes" externos



CEO Expansionista

Turquia usa inovação e marca forte para entrar agressivamente em novos mercados



Gerente de Infraestrutura

Egito foca em manter operação vital funcionando, priorizando estabilidade



Território em Disputa

Líbia e Sahel, onde diferentes "departamentos" lutam pelo controle

Essa diversidade de estratégias torna a região tão dinâmica e imprevisível. Para consolidar essas diferenças, o quadro a seguir oferece uma visão organizada, mas lembre-se: a narrativa e o contexto que discutimos são a chave para interpretar a tabela corretamente.

Fator de Análise	Estados Frágeis (Síria, Iraque)	Turquia (Potência Assertiva)	Egito (Estabilidade Autoritária)	Líbia/Sahel (Vácuo de Poder)
Fonte de Poder	Dependência de patronos externos	Indústria de defesa e projeção cultural	Controle de ativos estratégicos (Suez)	Controle de território e recursos ilícitos
Estratégia Externa	Sobrevivência e alinhamento	Autonomia estratégica e expansionismo	Manutenção do status quo regional	Fragmentação e palco para outros atores
Principal Desafio	Falta de soberania e coesão interna	Equilíbrio econômico e isolamento	Pressão demográfica e segurança hídrica	Ausência de Estado e extremismo
Exemplo Prático	Guerra por procuração Irã-Arábia Saudita	Intervenção na Líbia e drones Bayraktar	Segurança do Canal de Suez	Presença do Grupo Wagner/Africa Corps

Este quadro sintetiza os complexos papéis que cada ator desempenha. Agora, vamos consolidar nosso aprendizado e nos preparar para os próximos desafios.

Consolidação e Próximos Passos

Nesta jornada pelo Levante e Norte da África, desvendamos o que está por trás das manchetes. Vimos que a instabilidade em países como Síria e Iraque não é um caos aleatório, mas um reflexo de suas fraturas internas e da disputa entre potências globais. Analisamos como a Turquia resgata seu passado imperial para se projetar como um ator moderno e indispensável, e como o Egito aposta na ordem autoritária para garantir seu papel de guardião de uma artéria vital do comércio mundial. Por fim, testemunhamos como o colapso de um Estado, a Líbia, pode criar um efeito dominó que desestabiliza toda uma vasta região, o Sahel, transformando-a em um novo epicentro da geopolítica de recursos e da guerra híbrida.

Análise de Conflitos

Ao analisar uma notícia sobre um conflito na Síria, pergunte-se: "Quais potências externas têm interesse neste resultado?"

Avaliação de Investimentos

Ao avaliar um investimento em uma empresa de logística, considere como a estabilidade no Canal de Suez afeta os custos e os riscos

Monitoramento Geopolítico

Ao ouvir sobre um golpe de estado no Sahel, investigue qual potência global (Rússia, China, França) pode ganhar ou perder influência

Termômetro Regional

Monitore as ações da Turquia no Mediterrâneo; elas são um termômetro das tensões energéticas na Europa

Conexões Transnacionais

Lembre-se que crises de refugiados e terrorismo na Europa estão, muitas vezes, diretamente conectadas à falta de governança na Líbia e no Sahel

Autoavaliação

1. (Nível: Fácil) Qual dos seguintes conceitos melhor descreve a situação na qual potências globais e regionais financiam e armam grupos locais para lutar em seu nome em um terceiro país?

- a) Guerra Híbrida
- b) Estabilidade Autoritária
- c) Guerra por Procuração (Proxy War)
- d) Neo-otomanismo

2. (Nível: Médio - Estilo Banca) A importância estratégica do Egito para a economia global está intrinsecamente ligada ao controle do Canal de Suez, um ponto de estrangulamento (chokepoint) vital para as cadeias de suprimentos. Considerando a política externa egípcia contemporânea, sua principal abordagem geopolítica visa:

- a) Expandir sua influência militar na Líbia para controlar os recursos energéticos daquele país.
- b) Priorizar a projeção de poder cultural e religioso, competindo diretamente com a Turquia.
- c) Manter a estabilidade interna e regional para garantir a segurança do trânsito marítimo e se posicionar como um parceiro indispensável.
- d) Liderar uma coalizão de países africanos para renegociar os termos do uso do Rio Nilo com a Etiópia.

3. (Nível: Difícil) A política externa assertiva da Turquia, frequentemente associada ao "neo-otomanismo", utiliza uma combinação de hard power e soft power. Qual dos seguintes exemplos representa MELHOR o uso de hard power disruptivo que alterou o equilíbrio militar em conflitos regionais?

- a) A popularidade das séries de televisão turcas nos Bálcãs e no Oriente Médio.
- b) O financiamento de mesquitas e escolas através da agência de cooperação TIKA.
- c) A mediação diplomática para o acordo de grãos entre Rússia e Ucrânia.
- d) O uso eficaz de drones Bayraktar TB2 em teatros de operação como Líbia e Síria.

4. (Nível: Avançado) A instabilidade no Sahel é um fenômeno complexo e multifatorial. O colapso do Estado líbio em 2011 atuou como um catalisador, mas a crise foi agravada por uma "tempestade perfeita" de fatores endógenos e exógenos. Qual das seguintes opções descreve corretamente a interação desses fatores?

- a) A intervenção militar russa foi a causa primária da insurgência, explorando a pobreza local.
- b) A crise é puramente uma consequência da rivalidade franco-russa, com poucos fatores locais envolvidos.
- c) O fluxo de armas da Líbia potencializou conflitos já existentes, alimentados por mudanças climáticas, governança fraca e a presença de atores externos como o Grupo Wagner/Africa Corps.
- d) As disputas étnicas são o único fator relevante, sendo o terrorismo jihadista uma fachada para conflitos tribais.

🔍 Questão Discursiva Curta:

Explique, em até 5 linhas, como a "Nova Desordem Global" (rivalidade entre grandes potências) se manifesta concretamente na instabilidade da região do Sahel.

Gabarito e Próximos Passos

Gabarito

1-C, 2-C, 3-D, 4-C

Resposta Discursiva

A Nova Desordem Global se manifesta no Sahel através da substituição da influência ocidental (francesa) pela presença russa (via mercenários), que oferece segurança a regimes militares em troca de acesso a recursos minerais estratégicos. Isso transforma a região em mais um palco da competição entre a OTAN e a Rússia, exacerbando a instabilidade local.

Próxima Aula

Na nossa próxima aula, a de número 37, viajaremos para o **Sul da Ásia**. Vamos analisar a rivalidade histórica e nuclear entre Índia e Paquistão, a complexa situação do Afeganistão após a volta do Talibã e como a crescente influência da China na região está redesenhando o mapa geopolítico local.

Recursos Adicionais

- **Livro:** "O Fim do Poder" de Moisés Naím - Para entender como o poder está mais fácil de obter, mais difícil de usar e mais fácil de perder
- **Documentário:** "Para Sama" (For Sama) - Perspectiva humana sobre o custo da guerra por procuração na Síria



NOTA IMPORTANTE: As informações geopolíticas e de segurança desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes de notícias e análises especializadas para verificar as últimas alterações no cenário internacional.